

TEMPO DE RUPTURA PROLETÁRIA*

O MSL – Movimento Socialista Libertário, foi engendrado no final da década de 80 e início dos anos 90, buscando resgatar, desenvolver e atualizar a teoria e prática marxista e conselhistas no sentido de contribuir com a instauração da autogestão social. Depois de alguns percalços, equívocos, mudanças, entradas e saídas de militantes, bem como a permanência de muitos, o MSL, foi se constituindo e cada vez mais buscando manifestar-se como expressão política do proletariado. No Editorial do número 01 da Revista Ruptura, em maio de 1993, intitulado *Tempo de Ruptura*, apresentamos a necessidade de romper com o capitalismo, a socialdemocracia, o bolchevismo, enfim, com o reino podre do capital. Nele se via uma crítica radical ao PSTU, ao capitalismo estatal russo, ao reformismo, ao neopopulismo petista, ao capitalismo privado. Nesta época alguns chamaram-nos de profetas... adivinhávamos o futuro do PT, PSTU, etc. Hoje, estas pessoas deveriam repetir a mesma coisa, mas agora não no sentido pejorativo e sim como elogio: “você estavam certos...”

De lá para cá, outras revistas, artigos e editoriais aprofundaram alguns elementos presentes neste primeiro editorial e apresentaram novos elementos, tal como uma análise do desenvolvimento capitalista, a sua pré-crise e seus sintomas (neonazismo, neofascismo), as nossas propostas (Federação de Movimentos Revolucionários, Associação Nacional dos Trabalhadores, atividades específicas, etc.). Alguns textos apresentaram discussão sobre movimentos sociais específicos (movimento estudantil e movimento negro, por exemplo) e sobre estratégia revolucionária e lutas sociais, questões as mais variadas (ideologia da globalização, capitalismo estatal russo, a solidão, o racismo, transporte coletivo, a militância política, os movimentos sociais, a questão agrária, a educação, entre inúmeros outros).

Agora, nos encontramos em uma nova situação. O MSL teve dois períodos auge: 1994 e parte de 1995 e 1996. Depois deste período, principalmente em 98-99, houve um período de desarticulação. A partir do fim do ano 2000, começou-se um

* Editorial da Revista Ruptura nº 7, lançada em agosto de 2001.

trabalho de reestruturação e rearticulação e isto começou a ocorrer dentro de um novo contexto. Iniciamos, neste período, contatos com vários coletivos que apresentam concepções semelhantes às nossas, e retomamos o contato (iniciado com bastante força em 1996) com variados grupos anarquistas. O novo aqui não é apenas o contato, mas a formação de diversos coletivos revolucionários no Brasil, em vários estados e cidades. Também os anarquistas voltaram a crescer a nível nacional. Isto não ocorre por acaso, trata-se do processo de acirramento de conflitos sociais, que desde Seattle e Chiapas vem proporcionando mobilizações e manifestações a nível mundial. A constituição da AGP, Ação Global dos Povos contra o capitalismo, que vem realizando vários protestos contra o G8, o FMI, OMC, Banco mundial, etc., é uma expressão desta nova resistência ao capitalismo mundial, que, embora possamos efetuar críticas e ter discordâncias em relação a determinados pontos, eles são o sintoma de um processo de radicalização das lutas de classes que se esboça. Estamos, pois, num tempo de ruptura proletária. Diante deste quadro, completado pelas dificuldades de reprodução do capital, o MSL voltou a atuar com cada vez mais força, reforçado por novos militantes e com mais facilidade de comunicação a nível nacional e internacional (por exemplo, através da internet foi possível abrir contatos com o Grupo Comunista Internacionalista, na Bélgica, e com Rede Operária, na Itália, além de uma diversidade de grupos e indivíduos no Brasil). O contexto regional também mudou. As eleições municipais, na qual propomos o voto nulo, colocou novamente o neopopulismo petista no poder e apresentou a eleição de um vereador do PSTU, que, no entanto, saiu para participar do MLS – Movimento de Luta Socialista (na verdade, um retorno nostálgico ao antigo CGB-PLP-PFS e ao seu culto à autoridade), que escolheu “curiosamente” uma sigla bastante parecida com MSL. Isto nos trouxe problemas, pois muitos passaram a nos confundir, misturando água suja com vinho limpo... MLS com MSL, respectivamente.

Enfim, o MSL retomou e ampliou contatos com coletivos internacionais, nacionais e municipais. Assim, apesar das idiossincrasias, das tradições teóricas que cada coletivo busca se inspirar na luta contra o capital, etc., o MSL voltou com sua proposta, agora com uma perspectiva concreta de realização, de formação de uma Federação dos Movimentos Revolucionários. A proposta foi lançada e houve reações,

umas mais favoráveis, outras menos, mas a semente poderá germinar no futuro e, do nosso ponto de vista, a realidade dura da luta política contra a hegemonia burguesa irá articular a expressão política do bloco revolucionário que vem se fortalecendo no Brasil.

No entanto, ao lado disso, o MSL resolveu realizar mais uma mudança de nome. A sigla MSL, passou a gerar problemas devido ao plágio dos leninistas-reformistas do MLS. Além disso, socialismo libertário é algo um tanto quanto vago, além de estar associado, geralmente, à tradição anarquista (o que não temos nada contra, mas simplesmente consideramos que isto não reflete nossa identidade e nem concepção teórica que buscamos *desenvolver*). Assim, em meio a algumas propostas e discussões, foi escolhido o novo nome do MSL, que doravante passa a se chamar *Movimento Autogestionário*. Este nome, que impossibilita confusões com nome de outros grupos, expressa o caráter do grupo, sua proposta fundamental, a essência do modo de produção comunista, a autogestão social. Tal como colocamos em um texto no qual comunicamos a todos a mudança de nome, Movimento Autogestionário significa a união de dois termos: movimento, que significa ação, aquilo que se move, agitação, animação e autogestionário significa referente à autogestão, aquele que provoca a autogestão, defensor da autogestão, aquele que tem como objetivo a autogestão. Assim, temos a noção exata do que significa *Movimento Autogestionário*: ele é um grupo político (ou seja, um coletivo de indivíduos unidos em torno de um projeto político) que se manifesta na forma de um movimento (ação) cujo objetivo (seu projeto político) é a instauração da autogestão social”.

Aqui cabe ressaltar a diferença entre autogestionário e autogerido. Um movimento autogestionário é aquele que como objetivo (enquanto projeto político) instaurar a autogestão social e um movimento autogerido é aquele que realiza a autogestão internamente. É a mesma diferença entre revolucionado e revolucionário, entre o que já efetivou a revolução e aquele que a tem como projeto, objetivo. O Movimento Autogestionário é, desta forma, autogestionário (tem como projeto a autogestão social) e autogerido, apesar das falhas e dificuldades neste último sentido.

Como parte de nossa rearticulação, o Movimento Autogestionário volta a publicar a Revista Ruptura, o seu sétimo número, que depois de seu nascimento em 1993, teve seu último número publicado em 1997. Este número vem destacar a questão do marxismo esquerdista, recuperando a história do conselhismo e de outras correntes políticas, bem como trazendo temas que estão inseridos na totalidade da sociedade capitalista, reproduzindo de forma ampliada a alienação e a opressão.